Elisabete Marques Ranchhod
FLUL/CAUTL[*]

CONSTRUÇÕES COM NOMES PREDICATIVOS NA *CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344*[**]

1. **Nota Prévia**

Quando, em Maio de 1988, a Associação Portuguesa de Linguística promoveu um Encontro Regional dedicado ao Professor Lindley Cintra, não podia deixar de me associar a essa homenagem com o meu modesto contributo. Era uma forma singela de manifestar ao Mestre, de quem recebi tantos ensinamentos e palavras encorajadoras, o meu apreço e gratidão.

Seguindo sugestões suas, que em repetidas ocasiões me tinha feito, propus-me analisar, de um ponto de vista sintáctico, um fragmento da *Crónica Geral de Espanha de 1344*[1].

Volvidos dez anos, retomo essa análise, procurando aprofundá-la e alargá-la a aspectos não contemplados então. A base empírica em que se apoia foi também aumentada. É a minha parca quota para a homenagem que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa presta ao insigne Professor.

---

[*] Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Automática da Universidade Técnica de Lisboa (IST).
E-mail: elisabete@label.ist.utl.pt

[**] Investigação parcialmente financiada pelo Programa PRAXIS XXI (Proj. 2/2.1/CSH/775/95).

[1] Escolhi então e escolho de novo agora esta obra porque à sua edição crítica dedicou Lindley Cintra longos anos de labor científico (1946-1989). A Introdução (Vol. I) e uma amostragem do que iriam ser os volumes de texto constituiram, em 1951, a sua tese de doutoramento em Filologia Românica. A edição completa do texto, porém, só ficou concluída em 1989.

2. **Introdução**

As construções com verbos-suporte e nomes predicativos têm, desde há mais de uma dezena de anos, sido objecto de numerosos trabalhos em várias línguas[2]. Poucos, contudo, são feitos numa perspectiva diacrónica ou têm tomado como base de análise textos não contemporâneos. Pareceu-me, assim, que seria interessante verificar se estas construções, muito frequentes no português actual, são de criação recente ou se, pelo contrário, estão já registadas em textos medievais. A primeira análise que fiz de um excerto da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Ranchhod, 1988) permitiu-me recensear várias construções com nomes predicativos e determinar as suas características sintácticas mais relevantes[3]. Outros trabalhos de outros autores, elaborados com objectivos idênticos mas sobre textos diferentes (L. Chacoto, 1997), vieram reforçar a ideia de que as construções com nomes predicativos são abundantemente utilizadas em textos dos séculos XIV e XV, havendo assim boas razões para considerar que elas fazem parte do património sintáctico do português.

3. **Construções Nominais Predicativas na *Crónica***.

No artigo de 1988, procurei fundamentalmente pôr em destaque as semelhanças da sintaxe dos nomes predicativos em textos medievais e no português contemporâneo. Apesar de ser esse o aspecto que mais se evidencia aquando de uma abordagem comparativa, a sintaxe dos predicados nominais tem, na *Crónica*, certas características que já não se observam no português dos nossos dias. Um deles, também o mais notório, tem que ver com a linearização de constituintes. Diferentemente do que se observa na actualidade, alguns nomes predicativos

---

Esse trabalho primoroso, onde estão patentes o saber e o rigor do investigador, foi parcialmente editado pela Academia Portuguesa da História entre 1951 e 1961; a totalidade da obra foi editada, entre 1983 e 1990, pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda. É esta edição que vou utilizar e referir.

[2] A Bibliografia contém alguns títulos relevantes que dão uma ideia aproximada dos trabalhos que têm sido dedicados a este assunto.

[3] A versão escrita do texto que apresentei oralmente em 1988: *Construções com verbo-suporte no português medieval*, aguarda publicação no **Boletim de Filologia**, XXXIII, Lisboa: CLUL.

aparecem à esquerda do verbo que os auxilia (*verbo-suporte*), dando origem a construções nitidamente arcaizantes. Mas antes de abordar as questões linguísticas, caracterizarei de forma sucinta o *corpus* utilizado.

3.1. *Corpus Analisado*

Quando se fazem estudos sobre estádios anteriores da evolução de uma língua, o conhecimento que dela se tem advém do que estiver patente nos textos da época ou épocas que se estudam. Nada do que não estiver nos textos pode ser pressuposto; não é possível emitir juízos de aceitabilidade sobre construções e usos que aí não estejam atestados. Só a análise desses dados e a argumentação teoricamente fundamentada podem suprir a falta desses critérios de refutação.

O excerto da *Crónica* que vou analisar é constituído por 15 capítulos: CLXXXVIII a CCII. Corresponde ao relato integral do reinado do rei D. Rodrigo, o último rei godo, que, por morte do rei Costa, foi eleito regedor do reino para mais tarde se fazer aclamar rei. A conquista da Península pelos mouros iniciou-se, pois, no seu reinado. O rei, tal como séculos mais tarde viria a acontecer com D. Sebastião, desapareceu durante uma batalha contra os mouros, em que foi vencido, para nunca mais ser visto. Diz o cronista (Vol. II: 332) «E buscaron per todo o campo el rei dom Rodrigo e n~uca o poderon achar»[4]. Muito tempo depois o seu sepulcro viria a aparecer misteriosamente em Viseu (*ibidem*: E desto nõ soubemos mais que, despois per tempo, foy achado h~uu sepulcro ~e Viseu …).

A propósito deste excerto, diz Lindley Cintra que (vol. I: CCCL): «o autor da *Crónica de 1344,* ali onde segui a versão de Gil Peres, a seguiu com fidelidade ou a abreviou. Nunca a ampliou. Substituíu por trechos de outra fonte dois fragmentos que lhe pareceram demasiadamente romanescos». Apesar dos cuidados do cronista, os capítulos escolhidos ainda se destacam pelo seu notável carácter novelesco. Um deles tem que ver exactamente com o desaparecimento do rei em Sagoneira e com o enigmático aparecimento do seu sepulcro em Viseu. O outro é o «romance de

[4] Sempre que, por razões técnicas, não for possível grafar as vogais nasais de acordo com as normas utilizadas no *corpus,* grafá-las-ei convencionalmente do seguinte modo:

(i) o til é colocado antes das vogais cuja nasalação assinala: *n~uca*, *m~y*, *h~uu*, *v~iir* etc.

(ii) o til é colocado sobre a primeira vogal nasal: *bõos*, *mãaos*, etc.

Rodrigo e Alacaba», a que já me referi em 1988. Entrecruzando-os há ainda a premonitória lenda da casa de Hércules, que desde o início prenuncia a conquista da Península.

Todo o excerto está construído com grande riqueza de meios expressivos, o que o faz dele um texto privilegiado para a análise linguística.

3.2. *Análise Linguística*

No *corpus* seleccionado, as construções com nomes predicativos são extraordinariamente frequentes[5]. Algumas das características que apresentam são idênticas às que evidenciam na actualidade, outras não se encontram já no português contemporâneo.

3.2.1. Grupos Nominais

Como no português actual (Marques Ranchhod, 1990), os nomes predicativos, acompanhados por todos ou parte dos seus argumentos, podem ser cabeça de grupos nominais complexos (*GN*) que ocupam posições argumentais de verbos ou outros elementos igualmente predicativos. Nos exemplos seguintes:

(1) *Quando a condessa vyo <u>o consselho de dom Symon</u> dava (sic)*[...] (p. 320)

(2) *E, quando os mouros souberon como <u>o poder del rei dom Rodrigo</u> viinha sobre elles, moveronsse do monte* [...] (p. 327)

o complemento directo de *veer* é constituído pelo nome predicativo *consselho* e pelo argumento que com ele mantém uma relação de sujeito: *dom Symon*. Os grupos nominais deste tipo obtêm-se, no português contemporâneo, por redução do verbo-suporte do nome predicativo no interior de uma frase relativa que os contém. O título do capítulo em que este exemplo figura corresponde exactamente a uma dessas construções: *Das pallavras que a condessa disse a dom Symon e d<u>o consselho que deu ao conde</u>* (p. 320). A redução do verbo-suporte *dar* e da relativa poderia dar origem ao *GN*: *<u>o consselho da condessa</u>* … (não atestado). Uma vez que as relativas

[5] Na impossibilidade de dar bases estatísticas a esta noção de frequência, inclui em anexo uma lista que, salvo erro ou omissão, contém, minimamente contextualizados, os nomes predicativos construídos com *aver* e *fazer*, os verbos-suporte mais utilizados. Não figuram naquela listagem os grupos nominais e adverbiais cuja cabeça é também um nome predicativo (cf. 3.2.1. e 3.2.2.).

existem, é legítimo propor, para os grupos nominais cuja cabeça é um nome predicativo, a mesma derivação que têm no português dos nossos dias. No exemplo (1), a relativa foi reduzida: *o consselho de dom Symon*, mas o verbo permaneceu (*dava)*. O nítido efeito de bizarria que isso provoca terá levado editor a usar a notação (*sic*). Quanto ao *GN* de (2): *o poder del rei dom Rodrigo*, ele tem como base sintáctica a frase com verbo-suporte: *el rei dom Rodrigo avya poder*, que, depois de relativizada: [Rel]: *o poder que el rei dom Rodrigo avya*, foi reduzida ao *GN* inicial: *o poder del rei dom Rodrigo*. Este tipo de estruturas associadas ao nome *poder* também estão atestadas no *corpus*. Por exemplo: (p. 313) *Moluca* […] *avya o mayor poder que hom~e avia que rey nõ fosse.*

3.2.2. Grupos Nominais em Posições Adverbiais

As frases com verbos-suporte (*Vsup*) podem ainda sofrer outro tipo de redução, que deixa os nomes predicativos e os seus argumentos em posições adverbiais (com a forma de grupos nominais preposicionais). No texto, há numerosos exemplos destas estruturas, entre eles:

(3) [...] *nõ pode seer que nõ seja sabudo e esto <u>com teu dampno</u> e <u>vergonça</u>*. (p. 307)

(4) *E elle disse <u>cõ muy grande pesar</u>* [...] (p. 311).

A relação entre estes constituintes adverbiais facultativos, cujo núcleo é um nome predicativo (*dampno* e *vergonça* em (3) e *pesar* em (4)) e as construções com verbos-suporte, em todos os casos atestadas no *corpus* (*aver vergonça* e *aver pesar*, entre outras p. 306 e *aver dampno*, p. 320), foram fundamentadamente estabelecidas para o português contemporâneo (Marques Ranchhod, 1996). Não vou aqui fazer essa demonstração, mas é clara a relação entre umas e outras construções.

3.2.3. Frases Elementares com Verbo-suporte

Os grupos nominais antes mencionados derivam, por meio de operações sintácticas (relativização, entre outras), de frases cujo núcleo é um nome predicativo auxiliado por um verbo-suporte. Trata-se de estruturas oracionais elementares, muitas vezes morfo-sintacticamente equivalentes a frases de núcleo verbal e/ou adjectival (cf. 3.2.5.). *Aver* e *fazer* são os verbos-suporte que maior número de nomes

predicativos auxiliam. A listagem em anexo contém, salvo erro ou omissão, todas as suas ocorrências como verbos-suporte de um nome predicativo. Trata-se de construções como as seguintes (com os verbos-suporte e os nomes predicativos sublinhados):

(5) […] *ca elle avya por custume de trager muy grande casa e em ella muytas molheres filhas d'algo* […] (p. 304)

(6) *E, senhor, quando ho homen alg~ua cousa faz en que lhe com dereito possam travar, de todollos do m~udo deve d'aver medo* e *receança* (p. 319)

Aver, como já foi referido por outros autores (cf. Azevedo Ferreira: 1980/81) é, neste período, um verbo auxiliar por excelência. Na *Crónica*, à parte um ou outro caso em que é menos claro o seu estatuto de auxiliar (p. 325: … *onde leixamos nossas molheres e nossos filhos con quanto avemos*/ onde deixámos as nossas mulheres e os nossos filhos e tudo o que temos), é usado em construções existenciais, como auxiliar de outros verbos e como verbo-suporte de nomes predicativos. No português actual, os nomes predicativos auxiliados por *aver*, quando se mantêm, são, na maioria dos casos, suportados por *ter*. É o que se verifica nestes dois exemplos: *avya por custume* (tinha por costume); *deve d'aver medo* e *receança* (deve ter medo e receio).

Quanto a *fazer*, idênticas observações. Em casos como: (p. 301) …*a casa que Hercolles fezera em Tolledo*… *fazer* pode ser analisado como um pró-verbo (construir) ou, mais plausivelmente, como um causativo (a casa que Hercolles fez fazer). Contudo, na maior parte das suas ocorrências no texto é claro o seu estatuto de causativo ou de verbo-suporte. Os exemplos:

(7) *E fez fazer juramento ao concelho de Toledo que* … (p. 303)

(8) [...] *fezelhe fazer muyta honrra*. (313).

ilustram esse diferente estatuto do auxiliar *fazer*. Em (7), a sua combinação com o nome predicativo *juramento* constitui um predicado nominal (*fazer juramento* - prestar juramento), equivalente a *jurar*: (p. 300) *E … jurou assy como lhe foy devisado* (E … jurou como lhe foi indicado), em que *fazer* é um verbo-suporte. Sobre este predicado nominal opera o operador causativo *fazer* (*E fez fazer juramento* …).

Em (8), idêntica situação: *fezelhe fazer muyta honrra* (mandou que lhe fizessem/fazer-lhe muitas honras (demonstrações de respeito))[6].

Além de *aver e fazer* foram registados vários outros *Vsup*. Alguns são, como aqueles, verbos-suporte elementares:

(9) *E sobre esto era grande contenda* [...] (p 298)

(10) *E o homen boo era sisudo e de boo recado* ; (321)

Contenda, auxiliado por *seer* mantém-se no português actual, mas o seu verbo-suporte é *haver: E sobre isto havia uma grande contenda*. O exemplo (10) é teoricamente interessante, pois mostra claramente o idêntico estatuto sintáctico de um adjectivo (*sisudo*) e de um nome predicativo (*boo recado*): nesta frase, são ambos auxiliados pelo verbo *ser* (*ser de*, no caso do nome) numa construção em que se encontram coordenados.[7]

Para não alongar demasiado este ponto, darei ainda, mas sem os comentar, dois exemplos com *dar*:

(11) *E nom lhe quis dar outra resposta*; (p. 304)

(12) [...] *que Deus lhe desse boo gallardom* [...] (p.304)

3.2.3.1. Variantes Aspectuais e Estilísticas

Registaram-se igualmente vários verbos que, não sendo verbos auxiliares noutros contextos, quando combinados com um nome predicativo, perdem as suas propriedades distribucionais para adquirirem o estatuto de variantes aspectuais e estilísticas dos verbos-suporte elementares (Marques Ranchhod, 1990). É o que se oberva em:

---

[6] Pelo que me foi dado observar de passagem, o sistema dos auxiliares tem, no texto da *Crónica,* características peculiares. O seu estudo (comparado ou não) poderá revelar-se extremamente interessante.

[7] Considerei que *boo recado* é, tal como *homen boo*, um nome (predicativo) composto. De facto, não encontrei: *seer N de recado*, nem parece que *boo* possa comutar livremente com outro adjectivo. Além deste, há outros nomes predicativos analisáveis como nomes compostos: (*era*) *spelho de bondade,* (*erades meu*) *forte braço*, etc.

(13) [...] *tregoa e firmidom avya antre vos ambos e, pois te elle esta desonrra fez, assi te britou a tregoa*. (p. 322)

Britar não é um verbo distribucional, como o é quando se encontra construído com nomes concretos, não predicativos: (p. 311) *E entõ britou o cadeado com sua mãao*... (E então partiu o cadeado com a mão). Em (13), *britar* (*a tregoa*) corresponde a uma variante aspectual terminativa de *aver* (*aver tregoa*) que, como o mesmo exemplo mostra, tem valor durativo. Com este valor, *britar* já não tem uso nos nossos dias. O mesmo não se passa com *perder*:

(14) [...] *começou de perder sua fremosura muy desmesuradam~ete*. (p. 306)

(15) [...] *nunca de vos* [...] *perderei soidade*. (p. 329)

que, em (14) e (15), é uma variante terminativa de *aver*. E, embora *perder* não construa hoje o nome *saudade*: (15') *Nunca deixarei de ter saudades de vós (vossas)*, ele continua a ser, no português contemporâneo, uma variante de *ter*. São numerosos os nomes predicativos que se constroem com *ter* e *perder*, por exemplo: *ter consideração por N - perder a consideração por N*.

Contrariamente ao que hoje se verifica, não foram encontradas construções de *ter* e de *estar* em que estes verbos pudessem ser considerados verbos-suporte de um nome predicativo. Aliás, estes dois verbos são, comparativamente, relativamente raros no excerto analisado. Isto indica que o seu estatuto de verbo-suporte (único que aqui me interessa) poderá ser relativamente recente, questão relevante mas a explorar noutro momento.

3.2.5. Nominalizações e Predicados Nominais Autónomos

Os predicados nominais constituídos por verbo-suporte e nome predicativo podem, como no português actual, ser equivalentes de construções verbais e adjectivais. É assim possível postular-se que, também no português medieval, existe entre um e outro tipo de construção uma relação de nominalização. Estão na primeira situação *juramento* e *pesar*:

(16) *E dom Rodrigo jurou assy como lhe foy devisado. E, logo que elle ouve feito o dito juramento, todos aquelles que eram em essas cortes, que algo valliam, lhe fezeron menagen* [...] (p. 300)

(17) [...] *ca quem bem em ti quiser conhocer bem veera que tu as muy grande pesar; e a m~y pesa muyto por que o nõ sey* [...] (p. 306)

Nestes exemplos, as construções verbais e as correspondentes com nomes predicativos ocorrem em estruturas coordenadas, o que põe em evidência o seu paralelismo sintáctico. Em (16), o verbo *jurar* é substituido, na temporal integrada na segunda coordenada, por *fazer juramento*; em (17), o predicado nominal *aver pesar* é retomado, no segundo membro da coordenação, pelo verbo morfo-sintacticamente equivalente *pesar*.

Noutros casos, porém, os nomes predicativos não têm, correspondentes verbais. Isto não quer dizer que tais verbos não possam existir no português do século XIV; eles não estão, porém, atestados no excerto da *Crónica* analisado. Esta é uma das limitações decorrentes de qualquer estudo baseado em *corpus*. Os nomes predicativos *dereito*, *mal*, *tregoa* e *firmidom* sublinhados em:

(18) [...] *dereito avyas de lhe fazer mal se podesses, ca tregoa e firmidom avya antre vos ambos e, pois te elle esta desonrra fez, assi te britou a tregoa.* (p.322)

estão nessa situação e, por isso, considerei que eles formam com os verbos-suporte que os auxiliam (*aver*, *fazer* e *britar*) um predicado nominal autónomo.

O mesmo exemplo contém outra frase de predicado nominal: *te elle esta desonrra fez*[8] que está morfo-sintacticamente relacionado com a construção do adjectivo *desonrado*: (p.316) … *son desonrrada per o moor treedor* …. O verbo *desonrrar* também foi registado, mas, pelo contexto, parece ter um valor semântico diferente: (318) … *e eu ouvesse tal filha e mha desonrrasse hom~e* … Em situações como estas a nominalização estabelece-se entre uma construção nominal e outra adjectival.

[8] Sobre a ordem dos elementos ver 3.3.

Voltando ao caso dos predicados nominais autónomos, há no texto, de um ponto de vista comparativo, um caso curioso (pelo facto de ter desaparecido) de um predicado deste tipo: *aver nome*:

(19) [...] *alçaron os Godos por rey* [...] *h~uu que avya nome Costa;* (p. 298)

(20) [...] *portaron ~e Aljazira Talladara, que* [...] *des alli ouve nome Tarique.* (p. 322)

É utilizado na narrativa muito frequentemente para identificar pessoas (e, num caso, ilustrado por (20), um lugar). Trata-se de um predicado nominal de tipo transitivo-predicativo, substituído no português actual pelo verbo *chamar*: (19') *que se chamava Costa*; (20') *que desde então se chamou Tarique*, igualmente transitivo-predicativo neste tipo de construção. Quanto a este verbo, registei uma só ocorrência, na passiva:

(21) [...] *pousarõ em h~uu monte que* [...] *foi chamado Jebella Tarique* (p. 325)

Devido às suas numerosas ocorrências, nas listagens em anexo, *aver nome* figura apenas uma vez, dado que todas as construções são do tipo sintáctico do ilustrado por (19).

3.2.6. Complementação dos Nomes Predicativos

As combinações *Vsup Npred* formam um predicado nominal que determina redes argumentais em tudo idênticas às dos verbos e adjectivos. Como é típico das construções com auxiliares, *Vsup* e *Npred* têm um sujeito único; além deste, podem ou não seleccionar outros argumentos como complementos. Retomo, por uma questão de comodidade e espaço, o exemplo (18):

(18) [...] *dereito avyas de lhe fazer mal se podesses, ca tregoa e firmidom avya antre vos ambos e, pois te elle esta desonrra fez, assi te britou a tregoa.* (p.322)

Ele constitui uma amostragem de alguns dos tipos de complementos associados a estes predicados:
(i) o complemento é um dativo, que em geral se encontra pronominalizado: *lhe fazer mal*; *te elle esta desonrra fez; te britou a tregoa*;

(ii) o complemento é frásico, uma completiva finita ou, mais frequentemente, infinitiva: *dereito avyas de lhe fazer mal*;
(iii) o complemento é simétrico do sujeito, no caso do predicado nominal ser recíproco: *tregoa e firmidom avya antre vos ambos*.

Há outros casos em que os nomes não têm complementos ou se têm não se incluem em nenhum dos mencionados acima. Vejam-se a título de exemplo:

(22) [...] *tam grande feuza hei eu em aquella beenta Maria* [...] (p. 320)
(23) [...] *que guardasse lealdade contra el rei dom Rodrigo* [...](p. 320)

feuza (fé) e *lealdade* (lealdade) constroem-se, como os exemplos mostram, com complementos oblíquos.

3.3. *Linearização de Constituintes*

Em construções declarativas não enfáticas e sem quantificadores, a ordenação de constituintes na *Crónica* é em geral idêntica à que se observa no português actual: sujeito + verbo + complementos essencias + complementos facultativos. Eis alguns exemplos:

(24) [...] *deu a chave daquelle cadeado a h~uu seu sobrinho* [...] (p. 303)
(25) *E este veo em Tolledo e deytou seu cadeado ~ena porta*. (p. 303)
(26) *O conde britou o seelo da carta e leeoa.* (p. 312)

Quando as posições dos complementos são preenchidas por pronomes, como na coordenada de (26), os clíticos podem ocupar, como no exemplo, um lugar idêntico ao que é o seu actualmente: à direita do verbo. Contudo, registei muitos exemplos em que os clíticos ocorrem numa posição que já não poderiam ocupar no português contemporâneo. Esta situação verifica-se sobretudo em estruturas subordinadas: se bem que os clíticos estejam à esquerda do verbo, estão colocados antes do sujeito, quer ele seja pronominal quer lexical:

(27) [...] *sempre lhe ella quis cada dia peor* [...] (p. 306)
(28) [...] *nunca se hom~e cõmigo tomou que* [...] (p. 313)
(29) *E quando os o conde vyo, prouguelhe muito* [...] (p. 324)

Em (27), pronome dativo (*lhe*) está colocado antes do pronome sujeito (*ella*); em (28), o reflexo (*se*) está antes do sujeito (*hom~e*);em (27) e (29), as formas

acusativas, respectivamente, *o* e *os* aparecem também antes do sujeito (*eu*, *o conde*). Em (28), até a forma tónica *cõmigo* parece ter sido afectada pelo quantificador negativo, e ocorre antes do verbo. A ordenação de (28) afasta-se assim bastante da ordem que seria a sua no português contemporâneo: (28') *nunca (nenhum) homem se bateu comigo que …*, factor que dificulta a sua interpretação imediata.

No caso dos nomes predicativos, também recenseei as seguintes alterações de ordem:

(30) [...] *despois que ambas amor ouvemos* [...] (p. 306)

(31) [...] *nunca te vy em tempo que te mais mester fezesse* [...] (p. 319)

(32) [...] *dereito avyas de lhe fazer mal* [...] (p. 322)

(33) [...] *ca tregoa e firmidom avya antre vos ambos* [...] (p. 322)

Nestas expressões, que correspondem a declarativas não marcadas, os nomes predicativos, que ocupam a posição formal de complemento directo: *amor, mester, dereito tregoa* e *firmidom* ocorrem à esquerda dos verbos-suporte, posição dificilmente aceitável no português actual:

(30') *depois que ambas amor tivemos*

(31') *nunca te vi em momento em que te mais falta fizesse*

(32') *direito tinhas de lhe fazer mal*

(33') *pois trégoa e firmidão (estabilidade) havia entre vós*

Em (31), além da anteposição de *mester* há igualmente a anteposição do clítico dativo *te*.

Pondo de parte fenómenos de natureza lexical (palavras que desapareceram ou que caíram em desuso, como é o caso, respectivamente, de *mester* e *firmidão*) as alterações de ordem são, pelo que me foi dado observar, um dos aspectos sintácticos que mais contribuem para conferir um cunho arcaizante ao texto. Sem a preocupação de sistematizar, verifiquei que a colocação dos advérbios e o uso excessivo (em termos comparativos) de elementos enfáticos e de quantificação contribui também para criar diferenças sintácticas relevantes entre o português medieval do texto e o português dos nossos dias.

Nas construções com nomes predicativos, as únicas que analisei de forma sistemática, a utilização desses elementos torna possível a colocação dos nomes à

esquerda do verbo-suporte em muitos outros exemplos, de que dou a seguinte amostragem:

(34) [...] *tal pesar ende hei* [...] (p. 306)

(35) [...] *e tanta honrra lhes fazia* [...] (p. 304)

(36) [...] *quanto serviço me fezestes!* (p. 308)

(37) [...] *menor pesar ende averia*. (p. 316)

(38) [...] *quanto ben Deus fezera a vossa filha!* (p. 317)

(39) [...] *e tanta ajuda lhe fez* [...] (p. 318)

(40) [...] *que tanta deslealdade lhe fez* [...] (p. 318)

(41) [...] *tam grande feuza hei eu* [...] (p. 320)

(42) [...] *de que mayor medo avyam*. (p. 330)

A separação entre estes exemplos e os anteriores justifica-se se se considerar que em (34) – (42) há uma tematização ou uma enfatização dos nomes predicativos, que advém da própria utililização de advérbios quantificadores e de adjectivos (*grande (menor, maior)*) e que é essa enfatização que possibilita a ocorrência dos nomes predicativos à esquerda dos verbos-suporte. De notar também que (36) e (38) são, além disso, exclamativas. Nestas condições sintácticas, este tipo de ordenação seria, com excepção talvez de (41), igualmente possível no português contemporâneo.

4. **Síntese**

O estudo comparado da sintaxe dos predicados nominais num fragmento da *Crónica Geral de Espanha de 1344* e no português contemporâneo permite concluir que essas construções têm, nos estádios de língua comparados, características essencialmente idênticas. Os nomes predicativos constituem com os verbos-suporte que os auxiliam o núcleo de estruturas oracionais elementares. A redução dessas frases dá origem à formação de grupos nominais complexos, cuja cabeça é o nome predicativo e que mantêm a estrutura de argumentos das frases de base. Os argumentos dos nomes predicativos apresentam, como na actualidade, grande diversidade sintáctica. No que respeita aos verbos-suporte, os mais frequentes são *aver* e *fazer*, também hoje muito produtivos.

Diferentemente do que se observa nos nossos dias, na *Crónica*, os verbos *ter* e *estar*, quando ocorrem, não apresentam características de verbos-suporte. Isto é uma

indicação de que o seu estatuto de auxiliar, praticamente o único que agora têm, terá sido tardiamente adquirido.

Um ponto em que a sintaxe dos nomes predicativos se afasta da que é a sua actualmente diz respeito à sua ordenação em relação ao verbo-suporte. Registei exemplos de frases não enfáticas e não quantificadas em que eles estão colocados à esquerda do *Vsup*, posição que não poderiam ocupar nos nossos dias.

O estudo das construções com verbos-suporte e nomes predicativos no português medieval deverá, bem entendido, prosseguir. Há ainda muitas questões por analisar. Uma delas prende-se com os determinantes e modificadores dos nomes, com o carácter livre e fixo da sua combinação com os verbos-suporte. Pelo que observei, é de crer que também aqui haja peculiaridades interessantes que ainda não foram descritas.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO FERREIRA, José de (1980/81), Les verbes *haber-tener* et l'emploi de l'anaphorique *y* dans le *Libro de los Gatos*, *Boletim de Filologia*, XXVI, Lisboa: INIC.

CHACOTO, Lucília (1997), Predicados nominais com *fazer* no português medieval, *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri.

CHAURAND, Jacques (1983), Les verbes-supports en ancien français: *doner* dans les oeuvres de Chrétien de Troyes, *Lingvisticae Investigationes*,VII:1, Amsterdam: John Benjamins B.V.

DANLOS, Laurence (1980), *Représentation d'informations Linguistiques: constructions N être Prep X*, Thèse de 3ème Cycle, LADL, Université de Paris7.

GIRY-SCHNEIDER, Jacqueline (1978), *Les nominalisations en Français. L' opérateur Faire dans le lexique*, Genève: Droz.

GIRY-SCHNEIDER, Jacqueline (1987), *Les prédicats nominaux en Français. Les phrases simples à verbe support*, Genève: Droz.

GROSS, Gaston (1987), *Etude syntaxique de constructions converses*, Thèse de Doctorat d'Etat, LADL, Université de Paris XIII.

GROSS, Maurice (1981) Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique, *Langages* 63, Paris: Larousse.

MEUNIER, Annie (1981), *Nominalisations d'adjectifs par verbe support*, Thèse de 3ème Cycle, LADL, Université de Paris 8.

RANCHHOD, Elisabete Marques (1988), Construções com verbo-suporte no português medieval, *Boletim de Filologia*, XXXIII, Lisboa: CLUL (no prelo).

RANCHHOD, Elisabete Marques (1990), *Sintaxe dos predicados nominais com Estar*, Lisboa: INIC.

RANCHHOD, Elisabete Marques (1995), Les verbes supports issus du latin *esse* et *stare* dans les langues romanes. *Linguisticae Investigationes*, XIX: 2, Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins.

RANCHHOD, Elisabete Marques (1996), Analyse d'adverbes par verbes supports. Exemples du portugais, *Linx***,** 34-35, «Lexique, syntaxe et analyse automatique des textes», Paris: Université de Paris X, Nanterre .

VIVÈS, Robert. 1983. *"Avoir", "prendre", "perdre": constructions à verbe support*, Thèse de 3ème Cycle, LADL, Université de Paris 8.

ANEXO

Nomes predicativos com **aver** *e* **fazer**

… averya mayor cuidado da criaçom e guarda … (p. 299)
… elle ouve o senhorio … (p. 300)
… aver siso de manteer e… (p. 301)
… de que nos avemos a guarda. (p. 302)
… ouve boa cavallaria de que alli nõ aja a estoria. (p. 302)
… aviam a guarda da casa … (p. 303)
… avemos a guarda daquella casa … (p. 303)
… elle avya por costume de … (p. 304)
… avia aspeito e sembrante de … (p. 304)
Quãdo o conde ouve este recado … (p. 304)
… despois que ambas amor ouvemos … (p. 306)
… n~uca hy ouve desamor. (p. 306)
… tu as muy grande pesar … (p. 306)
… avya muy grande vergonça de … (p. 306)
… tal pesar ende hei … (p. 306)
… ouve tan grande coita … (p. 307)
… ca ei medo de … (p. 307)
… e ajades boa ventuira … (p. 308)
… e da resposta que delle ouveron (p. 309)
… que tanto en coraçõ o avya … (p. 310)
… n~uca ouve pesar que … (p. 312)
… da desavença que ouve … (p. 313)
… e avya o mayor poder … (p. 313)
… ouve con elle muitas lides … (p. 313)
… nem per siso que ouvessem … (p. 314)
… os d'Espanha ajam medo … (p. 315)
… non queria que ouvesse mal nem door. (p. 315)
… dom Ilham ouve conselho cõ … (p. 316)
… menor pesar ende averia. (p. 316)
… e que todas estas bondades nõ ouvesse … (p. 317)
… o pesar que hei desta filha … (p. 317)
… ouve tã grãde pesar que maravilha; (p. 317)
Do consselho que ouve o conde … (p. 318)
… como o conde ouvera a guerra con Moluca … (p. 318)
… se con elle quiserdes aver guerra … (p. 318)
… deve d'aver medo e receança. (p. 319)
… no avedes vergonça de … (p. 320)
… por n~uca … aver dampno … (p. 320)
… tan grande feuza hei eu … (p. 320)
… o pesar que ouve … (p. 321)
… ouve tam grande pesar … (p. 321)
… devedes de aver tam grãde pesar … (p. 321)
… dereito avyas de … (p. 322)
… ca tregoa e firmidom avya antre vos … (p. 322)
… pois o elle por bem avia … (p. 322)
… quanto avia mester pera … (p. 322)
… logo que ouve seu recado … (p. 325)
… se … avemos alg~uu consselho … (p. 325)
… no aja siso pera … (p. 326)
… de vos nõ ha novas. (p. 326)

… se … ouverdes h~ua lide … (p. 326)
… ataa que nõ ajades novas … (p. 326)
… melhor consselho poderedes aver … (p. 326)
… e ouve dello grande prazer … (p. 327)
… elles ouveron este recado … (p. 327)
… Deus ouve de nos mercee … (p. 328)
… trabalhemos aver boo conselho; (p. 329)
…dom Rodrigo ouve as novas da batalha (p. 329)
… e da boa andança que … ouveron … (p. 329)
… n~uca no mundo ouve pesar que … (p. 329)
… averia delle piedade … (p. 330)
… de que mayor medo avyam. (p. 330)
… nõ lhe avya prol; (p. 330)
… que se trabalhasse d'aver outro consselho … (p. 330)
… ouveron acordo de … (p. 331)
… avia nome N (pp.298, 299, 300, 303, 304, 306, 318 (2), 321 (2), 322, 327)

… fariam tanto de mal aos outros … (p. 299)
… e fezerem … tal regimento per que … (p. 299)
… a vos fez Deus a mayor mercee … (p. 300)
… e que vos façades dereito … (p. 300)
… e que vos lhe façades menagem … (p. 300)
… logo que elle ouve feito … juramento (p. 300)
… lhe fezeron menagem … (p. 300)
… e lhe todos fezeron menagem … (p. 300)
… fazialhes tanto ben que … (p. 301)
E fez fazer juramento ao concelho … (p. 303)
… e tanta honrra lhes fazia … (p. 304)
… ben e mercee prometia de fazer … (p. 304)
… começou ella de fazer tam ben sua fazenda … (p. 305)
… a raynha te fez tãta honrra … (p. 307)
… e fezeron logo h~ua carta… (p. 307)
… cuydando fazer muyta vossa hõrra … (p. 308)
… fezestes grande vossa deshonrra y muyta minha perda … (p. 308)
Depois que esta carta foi feita … (p. 308)
… quanto serviço me fezestes! (p. 308)
… fezelhe fazer muyta honrra. (p. 313)
… começou de me fazer tanto mal … (p. 313)
… que me nõ fezesse mais mal … (p. 313)
… que lhe perdoasse o mal que lhe fezera … (p. 314)
… de lhe fazer muyta honrra … (p. 315)
… el rei lhe mandou fazer muyta honrra … (p. 315)
… se a m~y fosse feita desonrra … (p. 316)
… lhe farei fazer tanto mal que … (p. 317)
… quanto ben Deus fezera a vossa filha! (p. 317)
… e tanta ajuda lhe fez … (p. 318)
… a que eu tanto serviço fezesse ... (p. 318)
… que te mais mester fezesse … (p. 319)
… de lhe fazeres guerra … (p. 319)
… he teu senhor e aslhe feita menagen … (p. 319)
… que tanta deslealdade lhe fez … (p. 320)
… dereito avias de lhe fazer mal … (p. 322)
… pois te elle esta deshonrra fez ... (p. 322)
… que a todo o mundo fariam lide. (p. 322)

… lhe faria qual preito ele quisesse. (p. 322)
… que fezesse menagem a h~uu seu sobrinho … (p. 327)
… da mercee que lhes fezera. (p. 328)
… fazer doo nõ lhe avya prol; (p. 330)
… leixou de fazer seu planto … (p. 330)